



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

## **O CURSO DE PEDAGOGIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Alessandra Fonseca Farias Correio**

Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP

[alessandra.farias90@gmail.com](mailto:alessandra.farias90@gmail.com)

**Eixo 6** -A formação inicial de educadores(as) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas

### **RESUMO**

Considerando o histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e a necessidade de implementação de suas políticas públicas, problematizaremos neste trabalho a formação do licenciando que está sendo preparado para atuar nesta que é atualmente uma modalidade do ensino brasileiro. Pensamos que a formação inicial do Pedagogo deve considerar a especificidade de todas as modalidades de ensino, em especial a da EJA, uma vez que esse profissional terá a importante tarefa de oferecer às pessoas analfabetas, ou de baixa escolaridade, todo o conhecimento que teve negado ao ser excluído da escola, enfrentando de perto as reais necessidades e especificidades da EJA. Considerando a importância desse tema para a educação brasileira, pretendemos apontar aspectos que provoquem discussões sobre a temática, pois acreditamos que a percepção sobre a relevância dessa modalidade de ensino deve ser desenvolvida na formação inicial, a fim de que se formem professores com um posicionamento frente ao seu papel de formar adultos atuantes na sociedade através de sua cidadania assegurada pelo direito e o acesso à educação. Tendo em vista esses e demais aspectos problematizaremos a formação específica para o professor da EJA, defendendo o curso de Pedagogia como espaço de formação da identidade profissional do professor de jovens e adultos. A metodologia deste trabalho se utiliza da abordagem qualitativa embasada pelos estudos de Sandín Esteban (2010).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação de Jovens e Adultos (EJA); Formação Inicial de Professores de EJA; Curso de Pedagogia; Identidade profissional do pedagogo.



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho constitui parte da pesquisa de mestrado intitulada “A formação inicial de professores de Educação de Jovens e Adultos nas universidades estaduais de São Paulo”, que se encontra em andamento e tem como base metodológica a abordagem qualitativa referenciada por Sandín Esteban (2010).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é hoje uma modalidade da educação brasileira que expressa a conquista do direito à educação das pessoas que a ela não tiveram acesso em seu tempo regular, seja por não terem adentrado à escola ou por terem seu percurso escolar interrompido.

Homens e mulheres maiores de 15 anos que compõem a EJA são sujeitos de toda a diversidade étnica, religiosa, sexual e política, vítimas da desigualdade social existente neste país (BRASIL, 2009) que é acentuada pela falta de acesso e permanência na escola, principalmente se tratando de pessoas que foram excluídas do espaço escolar em seu tempo regular, cujo acesso já era garantido desde 1948 pelo Artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito. (ONU, 1948)

Após um grande período de avanços e retrocessos que acompanha a história social, política, econômica e cultural do país, a educação de adultos no Brasil passa a ser finalmente garantida e regulamentada pela Constituição de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, e pelo Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, além de receber financiamento a partir de 2007 com o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).

Contudo, considerando a vagarosidade da constituição da política educacional da EJA e levando em conta o número elevado de pessoas analfabetas que ainda hoje persiste, fica evidente que o analfabetismo é um problema nacional perpetuado de



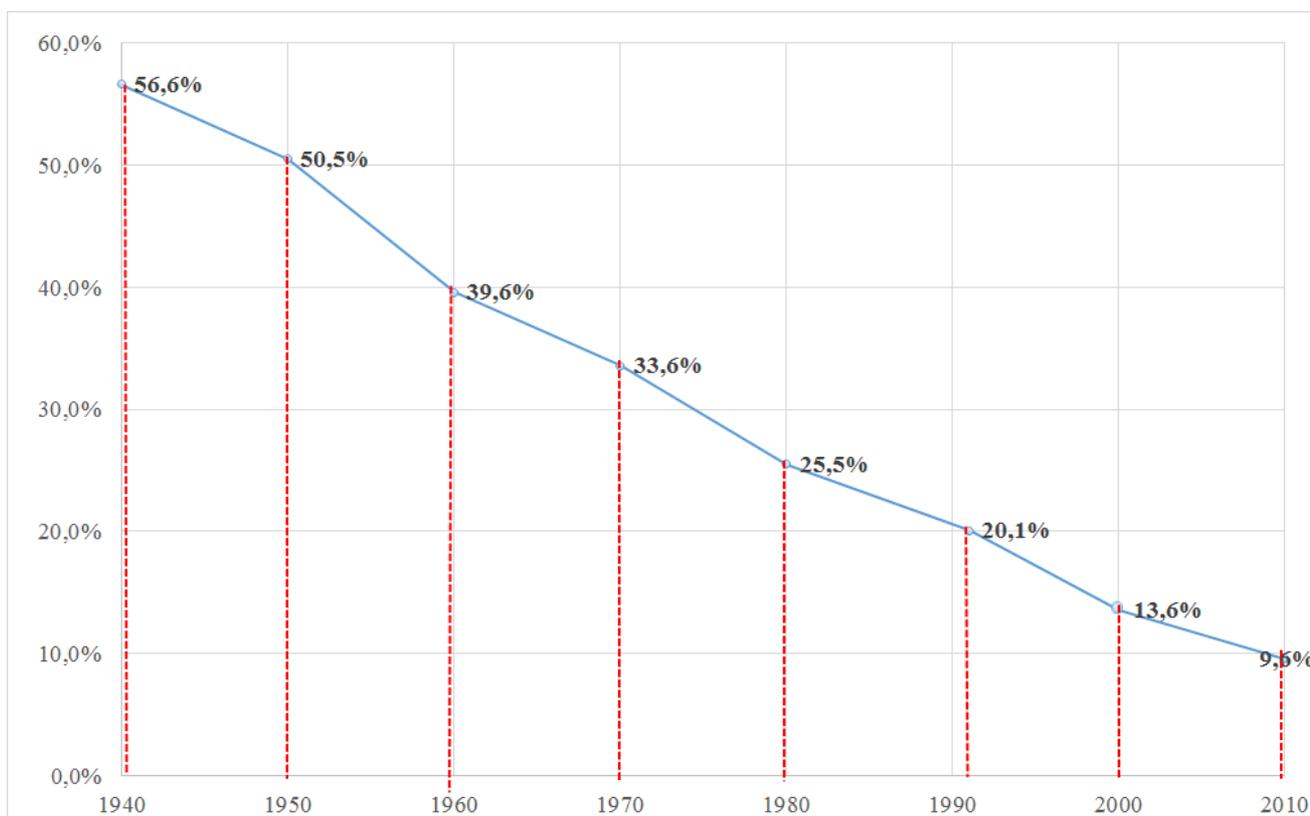
## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

governo a governo ao longo da história do país. O gráfico a seguir apresenta a taxa de analfabetismo de pessoas maiores de 15 anos por décadas, desde 1940 até o último Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010):

**Gráfico 1:** Taxa de analfabetismo entre pessoas maiores de 15 anos no Brasil – 1940/2010.



Fonte: IBGE (2010).

De acordo com o gráfico, o final da década de 40 registra que mais da metade da população no Brasil é analfabeta (56,1%). Dos anos 1950 para os anos 1960, os indicadores registram uma queda acentuada, de 10,6%, totalizando 39,6% de brasileiros iletrados, seguido do percentual de 33,6% de analfabetos em 1970. Esse contexto é marcado por altos índices de reprovas e evasão escolar, onde quase metade das crianças matriculadas abandonavam o percurso escolar ainda nas primeiras séries, ocasionando também uma defasagem na idade/série para as poucas que resistiam apesar das reprovas.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

Da década de 1980 até o último Censo do IBGE de 2010, a queda do número de analfabetos é de 15,6%, restando ainda um indicador de 9,6% de pessoas iletradas, embora a realidade educacional da época seja marcada pela expansão do ensino à toda a população. Os índices apresentados refletem o descaso por parte do Estado em oferecer e incentivar o acesso e a permanência na escola.

Logo, o contexto atual de analfabetismo do país significa, em números, 14 milhões de pessoas que ainda não tiveram garantido o acesso ao ensino, ainda que este tenha sido consolidado ao longo dos anos pela política nacional de educação como direito de todo cidadão brasileiro, conforme registram as políticas anteriormente apresentadas.

Segundo o IBGE (2010), do total de 14 milhões de analfabetos, 42,6% estão na faixa de 60 anos ou mais, 52,2% residem no Nordeste e 16,4% vivem com  $\frac{1}{2}$  salário mínimo de renda familiar *per capita*. Os maiores decréscimos no analfabetismo, considerando grupos etários entre 1999 a 2009, ocorreram na faixa dos 15 aos 24 anos. Nesse grupo, o número de mulheres analfabetas é menor que o de homens, porém estes últimos apresentaram queda um pouco mais acentuada, passando de 13,5% para 6,3%, contra 6,9% para 3,0% para as mulheres.

Nesse contexto, em face da enorme demanda por educação de adultos no Brasil, e também da necessidade de efetivação de suas políticas públicas, se faz importante pensar na formação do professor que vai atuar na sala de EJA, dentro do contexto histórico de desvalorização que caracteriza a política em nosso país.

Embora os princípios estejam estabelecidos, é preciso aprofundar a discussão sobre a formação inicial dos professores que atuarão nas salas de jovens e adultos, pois eles enfrentarão de perto as reais necessidades e especificidades da EJA, tendo assim papel importante na efetivação de suas políticas públicas.

Faz-se necessário repensar a formação do professor de acordo com a necessidade social da escola pública, aberta ao novo, capaz de oferecer ao aluno caminhos para a busca de respostas aos problemas que enfrenta no cotidiano. É necessário possibilitar, ao futuro professor, a construção de uma identidade profissional que corresponda às exigências da população envolvida e as demandas atuais. É preciso investir numa formação que



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

vincule teoria e prática desde o início do curso, a partir da pesquisa e de uma efetiva inserção no interior da escola. (LEITE, 2007, p. 15)

Concordamos com Leite (2007), quando afirma que é preciso que o futuro professor construa uma identidade profissional que vá ao encontro das necessidades dos alunos e, por isso, defendemos que o professor da EJA desde a formação inicial deve se atentar para o histórico de desatenção à educação de adultos no país, para a trajetória de luta por acesso à educação de qualidade, bem como para a constituição da especificidade dessa modalidade de ensino que hoje é garantida pela legislação nacional e que possui demandas e características próprias e urgentes.

A fala de Machado (2008, p. 164) corrobora, nesse sentido, quando afirma que “A perspectiva de reconfiguração do conceito de educação para jovens e adultos, nos últimos doze anos, repõe na cena educacional uma questão antiga: para quais alunos estão sendo formados os nossos professores”. É a partir desse questionamento que discutiremos a formação inicial de professores de Educação de Jovens e Adultos, problematizando as peculiaridades próprias dessa modalidade de ensino, afirmando a necessidade de uma formação docente específica e defendendo o curso de Pedagogia como espaço de formação do professor de EJA.

Para Silva (2006), refletir a educação é

[...] pensar a pessoa, em qualquer etapa da sua vida, é discernir o homem e a mulher no seu tempo histórico, nas relações que esses estabelecem consigo e com a natureza; é desvendar a organização social do mundo, o lugar das pessoas nesse mundo, o porquê do modo de vida de cada um; é pensar as identidades, as razões para ser o que se é ou para as suposições elaboradas em torno de si mesmo e do outro; é discutir linguagens; é conhecer circunstâncias da vida humana, para mantê-las ou para transformá-las; é ação compromissada com a busca de melhorias na qualidade de vida das pessoas. A meta da educação é vasta, como vastas são as possibilidades para sua efetivação. Pensar a educação é pensar o mundo. E o mundo é desigual, complexo, mutante, movido pelos fenômenos naturais e pelos fenômenos da ação humana. (SILVA, 2006, p. 202)

Iremos, pois, nessa perspectiva, refletir a educação em dois níveis, primeiro a que acontece dentro dos cursos licenciatura em Pedagogia, que tem como finalidade formar o profissional docente para o trabalho de ensinar não só crianças, mas também jovens e adultos; e no segundo nível, refletiremos a educação que o Pedagogo, uma vez licenciado,



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

desenvolverá com seus alunos, que no caso da EJA lida com pessoas excluídas do espaço escolar. É considerando esses e demais aspectos que problematizaremos a formação específica para o professor da EJA, defendendo o curso de Pedagogia como espaço de formação da identidade profissional.

### **2. Perspectivas da formação inicial do professor de adultos**

Os professores que trabalham na Educação de Jovens e Adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de sua atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio corpo docente do ensino regular. Note-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da educação de jovens e adultos; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes. (HADDAD e DI PIERRO, 1994, p. 15)

Passados vinte anos, é doloroso perceber a atualidade dos fatos narrados por Haddad e Di Pierro (1994), que falam da formação de professores de EJA ainda na década de 1990, salientando a necessidade de uma formação específica para a atuação no ensino de adultos.

A formação específica para o professor de EJA foi tema da Campanha Nacional de Educação de Adultos no ano de 1947<sup>1</sup>, ou seja, há mais de meio século, ainda que na época o coordenador da Campanha, Lourenço Filho, não desse o tratamento adequado à EJA, pois considerava que ensinar a adultos era “mais simples e mais rápido” do que ensinar a crianças. Apesar disso, sua gestão produziu um guia específico para a preparação do professor que atuaria no ensino supletivo, o que denota a concretização do que vinha sendo já discutido (SOARES, 2004).

Após um longo período de luta, a educação de adultos no Brasil passa a ser finalmente garantida e regulamentada pelas seguintes legislações: Constituição de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, e Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

---

<sup>1</sup> Ano em que também ocorreu o I Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro.



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

de Jovens e Adultos. A partir de 2007 a EJA também passa a fazer parte do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), passando a dispor de financiamento próprio.

A modalidade EJA foi ganhando espaço dentro da política educacional de forma a hoje ser garantida desde seu direito, acesso, até metodologias específicas, financiamento próprio, diretrizes curriculares. Contudo, por mais que nos últimos anos se tenha problematizado mais fortemente a formação de docentes para a EJA, seja nos espaços democráticos de discussão ou na academia, esse campo de estudo carece de evidência, uma vez considerando o contexto também atual de analfabetismo que persiste no Brasil.

Assim, como forma de subsidiar a discussão da EJA, bem como da importância da formação inicial do professor que nela atuará, apresentaremos alguns dos estudos realizados por Arroyo (2006), Soares (2007), Machado (2008) e Gatti e Barreto (2009) que abordam o panorama dessa formação específica e tem potencializado a EJA, colocando-a em evidência na discussão da educação nacional.

Para Arroyo (2006), o primeiro ponto a ser destacado acerca da formação de professores de jovens e adultos é que não há parâmetros sobre o perfil desse professor. A causa disso, segundo ele, é que também não temos uma definição muito clara da própria EJA. Ele ressalta também a marginalidade com que a educação de adultos se constituiu durante muito tempo pela falta de políticas públicas oficiais, pela falta de centros específicos de EJA e de formação específica para o professor. “Costumo dizer que a formação do educador e da educadora de jovens e adultos sempre foi um pouco pelas bordas, nas próprias fronteiras onde estava acontecendo a EJA” (ARROYO, 2006, p. 17).

O autor critica o caráter generalista em que se assenta a formação de professores e salienta que

[...] esse caráter histórico desfigurado dessa EJA explica por que não temos uma tradição de um perfil de educador de jovens e adultos e de sua formação. Isso implica sérias consequências. O perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontra-se ainda em construção. Temos assim um desafio, vamos ter que inventar esse perfil e construir sua formação. Caso contrário, teremos que ir recolhendo pedras que já existem ao longo de anos de EJA e irmos construindo esse perfil da EJA e, conseqüentemente, teremos



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

que construir o perfil dos educadores de jovens e adultos e de sua formação. (ARROYO, 2006, p. 18)

Para a necessária constituição do perfil do professor de EJA, Arroyo (2006) cita a problemática da falta de metodologias próprias para essa modalidade, que muitas vezes acaba por reforçar a infantilização na EJA, questão que sempre existiu nas práticas de ensino de adultos, onde aproveita-se os professores dos anos iniciais do ensino fundamental com crianças para atuarem também em salas de EJA, sem que lhes seja fornecido instrumentos e formação pedagógicos para o trabalho com esse público. “Se pretendemos configurar a educação de jovens e adultos por esse lado, acho que não tem sentido discutirmos a formação do educador de jovens e adultos”, diz Arroyo (2006, p. 20).

Como possibilidade à constituição da identidade do professor de EJA, Arroyo (2006) aponta a necessidade do conhecimento do próprio sujeito educando da EJA, pois, para ele, um dos traços da formação dos educadores de jovens e adultos deve ser o de conhecer as especificidades do que é ser jovem, do que é ser adulto:

Não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-raciais, do campo, da periferia. Se esse perfil de educação de jovens e adultos não for bem conhecido, dificilmente estaremos formando um educador desses jovens e adultos. Normalmente nos cursos de Pedagogia o conhecimento dos educandos não entra. A Pedagogia não sabe quase nada, nem sequer da infância que acompanha por ofício. Temos mais carga horária pra discutir e estudar conteúdos, métodos, currículos, gestão, supervisão, do que para discutir e estudar a história e as vivências concretas da infância e da adolescência, com o que a pedagogia e a docência vão trabalhar. Em relação à história e às vivências concretas da condição de jovens e adultos populares trabalhadores as lacunas são ainda maiores. (ARROYO, 2006, p. 22)

Para este estudioso da área de formação de professores de EJA, só através do reconhecimento das especificidades desta modalidade de ensino e dos sujeitos que a compõem será possível construir um perfil específico do educador e, conseqüentemente, uma política específica para a formação desses educadores (ARROYO, 2006, p. 21).

Machado (2008) diz que ao se tratar da formação de professores para EJA, primeiramente, implica situar as grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas, mais especificamente após a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96. A autora sinaliza a importância da afirmação da EJA como modalidade



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

educativa e como direito social conquistada ao longo dos anos na política educacional, como também destaca a importância dos fóruns e do GT 18 da Anped enquanto espaços de discussão, de formação e fortalecimento das ações político-pedagógicas direcionadas aos profissionais da educação que atuam na EJA.

Para a autora, porém, existe um descompasso entre a formação que o professor recebe e a realidade dos alunos, que no caso da EJA tem causado situações de difícil solução por parte do educador:

[...] como lidar com alunos que chegam cansados, a ponto de dormir durante quase toda aula? Como auxiliar os alunos no seu processo de aprendizagem, com atendimento extra ou atividades complementares, se uma grande parte deles trabalha mais de oito horas diárias, inclusive no final de semana? Como atender as diferenças de interesse geracional, tendo na mesma sala adolescentes e idosos? Como administrar, no processo ensino-aprendizagem, as constantes ausências, em sua maioria justificadas por questões de trabalho, família e doença? (MACHADO, 2008, p. 165)

De acordo com Soares (2007, p. 1), “a formação de um profissional voltado para as necessidades dos sujeitos jovens e adultos nos últimos anos tem se colocado como questão central nos debates sobre o tema”. Segundo este autor, a realidade e experiência de vida dos educandos confere à modalidade EJA uma identidade que a diferencia das demais, pois possui demandas educativas específicas, características diferenciadas de aprendizado, práticas adequadas de trabalho, representações também distintas acerca da idade cronológica e do tempo de formação. Para o autor, é imprescindível que os educadores procurem conhecer seus educandos, suas características, suas culturas, suas expectativas, além de suas necessidades de aprendizagem.

Nesse contexto, Soares (2001, p. 211-212) afirma que “a EJA deve perguntar primeiro que realidade há de transformar, e depois o que pode fazer a educação para que essa transformação seja de melhor qualidade”. Dito de outro modo, o autor enfatiza que uma vez que se reconhece as especificidades da EJA, o próximo passo é, a partir dessas peculiaridades, estabelecer os parâmetros para o perfil do educador dessa modalidade. E assim constituir uma política específica para a sua formação.

Para Soares (2007), a precariedade da formação dos profissionais de EJA, em muitos casos, está relacionada à ausência de formação específica nos cursos de graduação



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

em Pedagogia, onde é formada a maioria dos profissionais. E a própria legislação incorporou a necessidade de uma formação diferenciada para esse educador ao longo dos anos para esse autor, conforme buscamos salientar ao longo deste trabalho.

Diante do exposto, buscamos compreender a realidade dos cursos de Pedagogia do Brasil trazendo dados das pesquisas de Soares (2007) e Gatti e Barreto (2009), ambas que consideraram quantificar os cursos de Pedagogia que contemplam a EJA em seu currículo e que oferecem disciplinas específicas para essa modalidade.

Dados relativos aos cursos de Pedagogia que possuíam habilitação em EJA antes da homologação das Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia<sup>2</sup> apresentados por Soares (2007) revelam a contradição entre a pouca oferta dessa habilitação específica e o enorme índice de analfabetismo no país:

Os dados do INEP de 2005 apontavam 1698 cursos de Pedagogia no Brasil, em 612 IES. Dentre estas instituições, 15 oferecem a habilitação de EJA em 27 cursos: 7 instituições na região Sul, ofertando 19 cursos com a habilitação, 4 na Sudeste, com 4 cursos e 4 na Nordeste, com 4 cursos. Do total de cursos de Pedagogia, apenas 1,59% oferecem a habilitação, sendo que, as regiões norte e centro-oeste não apresentaram nenhum registro. (SOARES, 2007, p. 3)

No livro “Professores do Brasil: impasses e desafios” Gatti e Barreto (2009) apresentam os principais resultados da pesquisa “Formação de professores para o ensino fundamental: instituições formadoras e seus currículos”, realizada em 2008 pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, com apoio da Fundação Victor Civita. A pesquisa analisou, por meio de amostra representativa, a estrutura curricular e as ementas de 165 cursos presenciais de instituições de ensino superior do país que promovem a formação inicial de docentes.

Desse estudo, selecionamos dois quadros, um que aponta o número de disciplinas obrigatórias, e outro, as optativas, dos 165 cursos presenciais de formação inicial de professores. Chamamos a atenção para o número de disciplinas de EJA:

---

<sup>2</sup> Homologada em 2006, extinguiu as habilitações do curso de Pedagogia.



# FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

## V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação UNICAMP - Campinas, SP

**Quadro 1:** Disciplinas obrigatórias, segundo as categorias e subcategorias de análise.

um pouco mais de espaço a um ou outro desses percursos de forma  
limites das horas que o curso deve cobrir minimamente.

**TABELA 5.1 - Disciplinas obrigatórias, segundo as categorias e subcategorias de análise**

Categorias		N	%
Fundamentos teóricos da educação	Fundamentos teóricos da educação	701	22,6
	Didática geral	106	3,4
	Subtotal	807	26,0
Conhecimentos relativos aos sistemas educacionais	Sistemas educacionais	165	5,3
	Currículo	158	5,1
	Gestão escolar	140	4,5
	Ofício docente	19	0,6
Subtotal	482	15,5	
Conhecimentos relativos à formação profissional específica	Conteúdos do currículo da educação básica (infantil e fundamental)	232	7,5
	Didáticas específicas, metodologias e práticas de ensino	643	20,7
	Tecnologia	22	0,7
Subtotal	897	28,9	
Conhecimentos relativos às modalidades e níveis de ensino	Ed. especial	118	3,8
	EJA	49	1,6
	Ed. infantil	165	5,3
	Contextos não-escolares	18	0,5
Subtotal	348	11,2	
Outros saberes		173	5,6
Pesquisa e TCC		217	7,0
Atividades complementares		183	5,9
Total		3.107	100,0

123

Fonte: GATTI & BARRETO, 2009.

Nesse primeiro quadro são apresentadas as disciplinas obrigatórias dos cursos de pedagogia do Brasil, as quais foram pesquisadas por Gatti e Barreto (2009). As disciplinas são agrupadas nas categorias curriculares de análise, e as disciplinas relacionadas à EJA fazem parte da categoria “Conhecimentos relativos às modalidades e níveis de ensino”, na qual nos focaremos fazendo uma breve análise.

Do subtotal de 11,2% que compõe a categoria “Conhecimentos relativos às modalidades e níveis de ensino”, apenas 1,6% diz respeito a disciplinas de EJA, o que corresponde a 49 disciplinas obrigatórias apresentadas em cursos de pedagogia em todo o país. Consideramos esta porcentagem pouco significativa quando comparada aos 5,3% da Educação Infantil e 3,8% da Educação Especial. Esta análise é ainda mais acentuada se compararmos com a categoria “Fundamentos Teóricos da Educação”, que representa 26,0 das disciplinas, o que em números exatos são 807 disciplinas obrigatórias relacionadas a este tema.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação UNICAMP - Campinas, SP

**Quadro 2:** Disciplinas optativas, segundo as categorias e subcategorias de análise.

**TABELA 5.2 – Disciplinas optativas, segundo as categorias e subcategorias de análise**

Categorias		N	%
Fundamentos teóricos da educação	Fundamentos teóricos da educação	93	22,9
	Didática geral	3	0,7
	Subtotal	96	23,6
Conhecimentos relativos aos sistemas educacionais	Sistemas educacionais	20	4,9
	Curriculo	14	3,4
	Gestão escolar	23	5,7
	Ofício docente	8	2,0
Subtotal	65	16,0	
Conhecimentos relativos à formação profissional específica	Conteúdos do currículo da educação básica (infantil e fundamental)	26	6,4
	Didáticas específicas, metodologias e práticas de ensino	24	5,9
	Tecnologias	13	3,2
	Subtotal	63	15,5
Conhecimentos relativos às modalidades e níveis de ensino	Educação especial	16	3,9
	EJA	17	4,2
	Educação infantil	14	3,4
	Conteúdos não escolares	4	1,0
Subtotal	51	12,6	
Outros saberes		101	24,9
Pesquisa e TCC		9	2,2
Atividades complementares		21	5,2
<b>Total</b>		<b>406</b>	<b>100,0</b>

Fonte: GATTI & BARRETO, 2009.

O segundo quadro diz respeito às disciplinas optativas, e ao analisar ainda a categoria curricular “Conhecimentos relativos às modalidades e níveis de ensino”, onde está situada a modalidade EJA, os índices relativos às diferentes modalidades de ensino praticamente se equivalem com uma vantagem mínima para as disciplinas que abordam a EJA, representando 4,2% do subtotal de 12,6% da categoria. É preciso reforçar, porém, o caráter opcional dessas disciplinas. Contudo, novamente comparando esta categoria com a primeira, “Fundamentos teóricos da educação”, percebemos o quão as disciplinas voltadas às modalidades de ensino, e aqui damos atenção especial às de educação de adultos, são diminuídas em comparação com os 23,6% que correspondem a 96 disciplinas relacionadas aos fundamentos.

Acreditamos que a desvalorização da EJA na formação inicial de professores refletirá não só no trabalho de cada professor que atuará nela, mas também em toda a estrutura que se mantém despreparada para atender ao jovem e o adulto em busca de



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

garantir seu direito à educação. Segundo Gatti & Barreto, caracterizar o papel essencial da formação inicial dos docentes para o desempenho de seu trabalho implica pensar seu impacto na constituição de sua profissionalidade e de sua profissionalização em forma socialmente reconhecida (GATTI e BARRETO, 2011, p. 93).

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntário idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (BRASIL, 2000<sup>a</sup>, p. 56).

Conforme pudemos verificar nessa breve discussão, a formação do professor de adultos ainda não está definida dentro das licenciaturas, sendo portanto um desafio para as instituições formadoras desenvolvê-la de modo a seguir o que delibera a legislação educacional.

### **3. A Pedagogia como campo de formação da identidade profissional do professor de EJA**

Defendemos que a formação inicial deve preparar o docente para ensinar jovens e adultos, conferindo à modalidade EJA o mesmo grau de importância na licenciatura em Pedagogia, que trata também de outras modalidades de ensino, como a educação infantil e a educação especial.

O licenciando em Pedagogia deve ser preparado para atuar na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos, pois ao encontrar na EJA um campo de trabalho, irá ensinar aos sujeitos que historicamente tiveram seu acesso à educação negado e que ainda hoje encontram barreiras na busca de sua escolarização.

O licenciando do curso de Pedagogia deve ter clareza de que, em seu processo de formação inicial, está sendo preparado para o trabalho com crianças e também jovens, adultos e idosos, sujeitos que representam toda a diversidade brasileira, que podem ou



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação não  
UNICAMP - Campinas, SP

apresentar deficiências físicas e/ou intelectuais e que têm seu direito de acesso e permanência no ensino previsto na legislação educacional brasileira.

Daí a importância de que a formação acadêmica que está recebendo não forme professores com um caráter generalista, como se pouco importasse o contexto social da escola e dos alunos no momento de exercer a docência. Uma formação inicial de professores que não contemple em seu projeto político pedagógico e em seu currículo as especificidades de aprendizagem dos alunos não está preparando o professor para a realidade das escolas, quanto mais para o sucesso no ensino desses sujeitos.

A sintonia da educação aos contextos nos quais ela se processa dá à Educação de Jovens e Adultos contornos móveis, em acordo com os desafios sociais, políticos e econômicos trazidos às populações que já ultrapassaram a fase da infância e da adolescência. Isso cobra dos que se dedicam ao trabalho da EJA uma atenção permanente às demandas sociais e às possibilidades do fazer educativo. (B da SILVA, 2006, p. 204)

Assim, defendemos que a formação inicial do Pedagogo deve considerar a especificidade de todas as modalidades de ensino, em especial da EJA, pois esse profissional terá a missão de oferecer à pessoa analfabeta, ou de baixa escolaridade, todo o conhecimento que teve negado ao ser excluído da escola. Os sujeitos da EJA enfrentam cotidianamente a falta da decodificação do código linguístico, do conhecimento dos saberes letrados, da compreensão de textos, da aproximação com a tecnologia, com o mundo globalizado, aspectos de uma sociedade que se desenvolve a cada dia mais, ainda que uma parte significativa da população esteja às margens de todo o desenvolvimento.

Muitas das pessoas analfabetas apropriam a elas mesmas a "culpa" de não terem estudado ou de não terem conseguido terminar seus estudos, se culpam porque a sociedade capitalista responsabiliza o excluído por sua própria exclusão, o pobre por sua pobreza, o explorado por sua exploração e o analfabeto por sua não alfabetização. A exclusão do acesso ao ensino priva as pessoas delas mesmas, de quem poderiam ser caso houvessem tido uma oportunidade, de uma melhor condição financeira caso tivessem estudado, da profissão que poderiam desempenhar, enfim, da dignidade de terem decisão sobre o próprio destino. Ao tomar consciência da complexidade do sistema excludente, essas pessoas podem



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

se descobrir vítimas dele.

Freire (1987) afirma que a vocação para a humanização, chamada por ele de vocação ontológica do ser, se caracteriza pela busca do “ser mais”, processo em que o ser humano curiosamente busca o conhecimento de si mesmo e do mundo, a fim de conquistar sua liberdade. “Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. Nesse sentido, o ser humano é um ser em constante busca por sua autonomia:

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2002, p. 65)

Freire (2002) introduz a autonomia como um processo de vir a ser, que se constitui no aprender e ensinar, tarefa que deve ser assumida por educadores e educandos. Assim, define a busca do “ser mais” como desafio da libertação dos oprimidos, como busca pela humanização, sendo a natureza humana programada para ser mais.

O ser humano para Freire (1987) tem rostos reais, trajetórias reais; ele os chama de "esfarrapados do mundo", deixando claro sua posição de oprimidos em uma sociedade capitalista e desigual. Por essa questão, somos seres em busca, “seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 1987, p. 42).

Freire (1987) deu visibilidade ao oprimido, ao que a cultura dominante oculta e, ao fazer isso, tira o oprimido da margem e o coloca no centro da história de que também é sujeito. Ele deixou claro que o ponto inicial de uma prática educativa tem a ver com a experiência direta, imediata e cultural do educando, ou seja, com seus níveis de leitura do mundo. E assim,

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (FREIRE, 1987, p.16)

Nessa perspectiva, a antropologia de Paulo Freire está baseada no fato de que o ser humano está em constante evolução e transformação, pois se reconhece enquanto ser inacabado. Ele aponta como características principais da existência humana a sua condição de inacabamento e a sua capacidade de reconhecer e transformar tal condição através do processo educativo:

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm (FREIRE, 1987, p. 42).

A consciência do inacabamento que pontua Freire (1987) para nós é o que move a busca pelo direito à educação, pelo direito à consciência crítica e, por consequência, aos demais direitos sociais e humanos, que só são negados aos que os ignoram. Daí a necessidade do desenvolvimento de uma educação que conscientize a população por anos afastada da escola, que lhe forneça instrumentos para a transformação de sua condição de excluído, iletrado, marginalizado.

Por isso a necessidade de problematizar a formação desenvolvida dentro das universidades, e mais especificamente no curso de Pedagogia, pois tal formação acadêmica tem como tarefa formar o professor para as diversas modalidades de ensino, e no caso da EJA, esse docente deve constituir uma identidade profissional durante a graduação em Pedagogia para que possa compreender todos os aspectos que envolvem a EJA e, conseqüentemente, os que envolvem os educandos, que por trás das dificuldades de aprendizagem possuem diversas outras dificuldades sociais por serem marginalizados devido a sua condição econômica.

Para ensinar aos educandos da EJA é necessário ter consciência dos aspectos sociais e políticos que fazem com que essas pessoas se mantenham analfabetas, e é preciso, por conseguinte, considerar sua história e experiência de vida e diversidade cultural nas metodologias e currículo, ensinando a leitura e a escrita da palavra através da leitura de mundo desses educandos, que se apropriarão da cultura letrada a partir da sua bagagem



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

cultural, a fim de conquistar criticidade e autonomia na busca do “ser mais”, na busca do direito à educação.

### **Considerações Finais**

Concluimos com o pensamento de que são muitos os avanços da educação nacional, principalmente nas últimas décadas, quando essa passa a ter o acesso democratizado e quando se amplia a faixa de atendimento da educação básica, de quatro a 17 anos, recebendo financiamento para todas as modalidades. Contudo, ainda há muitos problemas e desafios a serem superados, desafios que muitas vezes já se constituíram enquanto conquista na legislação educativa, mas que por uma falha da efetivação acabam por não cumprir com seu papel frente à realidade das escolas públicas.

Pensamos que embora os princípios que regem a EJA no país estejam estabelecidos, é preciso aprofundar a discussão sobre a formação inicial dos professores que atuarão diretamente com os jovens e adultos nas salas de aula, pois eles enfrentarão de perto as reais necessidades e especificidades da EJA, tendo, portanto, um papel importante na efetivação de suas políticas públicas já garantidas.

Nosso intuito neste trabalho foi o de problematizar a formação do licenciando de Pedagogia que terá na EJA um possível campo de trabalho, e que enquanto profissional terá o enorme desafio de superar na prática docente o modo com que a EJA tem sido tratada e desenvolvida no Brasil historicamente.

A oferta da EJA a partir de como está garantida na legislação educativa é fundamental, tendo em vista a enorme demanda de pessoas analfabetas que ainda se estende por todo o país (BRASIL, 2009). Além disso, a constituição histórica da EJA no Brasil pressupõe também considerar em todos os seus processos políticos e educativos a educação popular baseada na concepção freiriana de educação de adultos.

Concordamos com Soares (2001, p. 221) quando afirma que “O direito à educação não está efetivamente garantido para jovens e adultos. É fundamental prosseguirem os esforços, para que se garantam o acesso e a permanência dessa população em processos



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

educativos de qualidade”. Dessa forma, defendemos que a formação específica para professores de EJA é um caminho para a efetivação das políticas públicas outrora firmadas, uma vez que o professor, conhecendo a legislação e os processos que envolvem a EJA, constituirá uma identidade profissional de professor de adultos, concernente a todas as especificidades que isso inclui.

Se caminhararmos no sentido de que se reconheçam as especificidades da educação de jovens e adultos, aí sim teremos um perfil específico do educador da EJA e, conseqüentemente, uma política específica para a formação desses educadores. (ARROYO, 2006, p. 21)

A EJA necessita de elementos apropriados para atender às demandas dos sujeitos que, em sua diversidade cultural, étnica, religiosa, sexual, social e econômica necessitam de ambiente físico, programas, conteúdos e metodologia adequados, assim como de professores bem formados. E é na sala de aula da EJA, na forma de se relacionar com os alunos, no cotidiano escolar e nas metodologias adotadas que o professor pode compreender a função social e política do seu trabalho.

Desse modo, pensamos que o tema da formação de professores de EJA é extremamente importante para o rumo da educação no país. É na formação inicial de professores que a consciência da relevância dessa modalidade de ensino deve ser desenvolvida, para que sejam formados professores com um posicionamento frente ao seu papel de formar adultos atuantes na sociedade através de sua cidadania afirmada no direito e acesso à educação.

### **Referências Bibliográficas**

ARROYO, Miguel Gonzalez. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio (Org). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica / SECAD-MEC / UNESCO, 2006.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

BRASIL. Constituição (1988). Art. 208, inciso III. **Da educação, da cultura e do desporto.** Seção I - Da educação. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)> Brasília, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos** (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Versão digitalizada, 2002. Disponível em <[http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf\\_bib.php?COD\\_ARQUIVO=17338](http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338)>. Acesso em 28 de jan 2015.

GATTI, Bernadete; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009.

HADDAD, Sérgio e DI PIERRO, Maria. Clara. **Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos.** Brasília: MEC/SEF, 1994. (Série institucional; volume 08).

IBGE, 2010. **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, dados referentes ao território nacional, fornecidos em meio eletrônico. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1717&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1)>. Acesso em: 02 fev 2015.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **A Formação de Professores nos Cursos de Licenciatura: Algumas Diretrizes e Práticas.** In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 23, 2007, Porto Alegre: ANPAE, 2007. Disponível em <[http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/467.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/467.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2013.



## **FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

MACHADO, Maria Margarida. **Formação de professores para EJA: Uma perspectiva de mudança.** In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v.2, n.2-3, p. 161-174, jan/dez. 2008.

ONU. Art. XXVI, inciso I. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Assembleia das Nações Unidas, 948.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa Qualitativa em Educação: Fundamentos e tradições.** Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SILVA, José Barbosa da. Valorização dos saberes docentes na formação de professores de EJA. In: SOARES, Leôncio (Org). **Formação de educadores de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica / SECAD-MEC / UNESCO, 2006.

SOARES, Leôncio José Gomes. As políticas de EJA e as necessidades básicas de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras.** São Paulo: Ação Educativa, 2001, p. 201-224.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A formação inicial do educador de jovens e adultos.** Revista Educação e Realidade, 29(2):25-39 jul/dez 2004.

SOARES, Leôncio. A formação inicial do educador de jovens e adultos: um estudo da habilitação de EJA dos cursos de Pedagogia. In: GRACINDO, Regina Vinhaes. **Educação como exercício de diversidade: estudos em campos de desigualdades sócio-educacionais.** Brasília: Líber Livro, 2007. p. 89-103.